

Saúde da Família: o cuidado como prioridade

» NÍSIA TRINDADE LIMA - Ministra da Saúde
» FELIPE PROENÇO - Secretário de Atenção Primária à Saúde do Ministério da Saúde

Atenção primária à saúde é reconhecida mundialmente por melhorar os sistemas de saúde, o que a torna um pilar importante para políticas públicas. Pelo menos dois grandes resultados são observados nos países que adotam estratégias baseadas nesse modelo: forte impacto positivo na saúde, com maior expectativa de vida e menor mortalidade infantil, e mais equidade, garantindo mais acesso aos serviços de saúde em sociedades desiguais.

No Brasil, a atenção primária à saúde é sinônimo da Estratégia Saúde da Família, que, em abril, completou 30 anos de implantação. Em 1994, a Saúde da Família teve início como um projeto piloto com 328 equipes, especialmente na Região Nordeste. Hoje, são 52.227 equipes na quase totalidade dos municípios brasileiros.

As evidências favoráveis a essa iniciativa em nosso país são fartas. A cada expansão de 10% de Saúde da Família em um município, com uma equipe que permaneça no mínimo dois anos, alcança-se redução de, pelo menos, 5% na mortalidade infantil. Se a equipe permanecer oito anos, a queda pode chegar a 30%. Em um município que alcance pelo menos 70% de Saúde da Família, as mortes por doenças cardiovasculares diminuem mais de 60%.

O histórico da Saúde da Família acompanha a descentralização do Sistema Único de Saúde (SUS). Os municípios são os responsáveis pela gestão dessa estratégia, recebendo aporte de recursos da esfera federal. Diversas pesquisas nacionais reconhecem que o financiamento do Ministério da Saúde foi decisivo para o crescimento de equipes e seus bons resultados.

Apesar das avaliações positivas, o modelo que induziu a expansão da Estratégia de Saúde da Família foi extinto em 2019, colocando em risco todas as suas conquistas. Em seu lugar, foi implantado um programa chamado Previne Brasil, que trouxe para



o SUS uma lógica que atrelou o financiamento ao cadastramento dos pacientes nas equipes de saúde da família. De fato, muitas pessoas foram cadastradas, mas o acesso às unidades básicas de saúde (UBS) ficou cada vez mais difícil. Hoje, uma parte grande das equipes tem um número superior de 4 mil pessoas para cuidar, dado incompatível com experiências internacionais exitosas.

Os dados sistematizados pelo Ministério da Saúde demonstram os problemas dessa iniciativa: muitas das pessoas cadastradas não foram atendidas nos últimos três anos. São aqueles que chegaram de madrugada na fila e desistiram de esperar por uma ficha. As equipes começaram a sentir a sobrecarga de pessoas cadastradas e precisaram

limitar as ações. Em muitos municípios, os agentes comunitários de saúde tiveram que deixar de visitar as casas para ficar dentro do posto de saúde cadastrando os pacientes.

Para agravar essa situação, com o desmonte de programas como o Mais Médicos, ao final de 2022, mais de 4 mil equipes de Saúde da Família estavam sem médico. Em 2023, com a retomada do programa pelo presidente Lula, chegaram mais 12 mil novos médicos, que estão presentes em 82% dos municípios do país, e, hoje, 60% dos médicos nos municípios de alta vulnerabilidade são da iniciativa do governo federal. A retomada do Brasil Sorridente também foi fundamental para estancar a queda de equipes de saúde bucal ocorrida no período anterior.

Ao completar 30 anos, é chegado o momento de avançar na estratégia e permitir uma organização que viabilize o cuidado às pessoas que precisam, com atendimento em saúde perto de suas casas. Em portaria publicada em abril, foi viabilizado o incremento de R\$ 1,1 bilhão no repasse para os municípios. Além disso, é apresentado um novo modelo de cuidado com as pessoas, com a redução do número de pessoas vinculadas a cada equipe, que passarão a atender, em média, 2,5 mil pacientes.

O enfoque no cuidado será determinante no novo modelo: as pessoas terão garantido o acesso e serão acompanhadas ao longo do tempo. A criação de equipes nas UBS existentes permitirá a extensão do horário de atendimento e o acesso à saúde da família em horários noturnos. A satisfação das pessoas passará a ser monitorada, e os atendimentos realizados em domicílio pelos agentes e demais membros da equipe serão valorizados.

É um novo momento para a Saúde da Família e para o SUS. Ele só é possível pela valorização da política pública que atenda à necessidade de saúde da população.

A luta contra a direita

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF - Jornalista

Frância e Estados Unidos mantêm um curioso caso de influência política recíproca. Quando os norte-americanos proclamaram a independência das 13 colônias da Inglaterra, em 1776, seguiu-se uma guerra que durou até 1781. O governo francês auxiliou os rebeldes da América com navios de guerra, munições e soldados. A independência da antiga colônia inglesa se antecipou e assimilou os princípios políticos da repartição do poder que seriam consolidados na Revolução Francesa de 1789. Os laços entre os dois países são antigos e tradicionais, tanto que Alexis de Tocqueville, francês, escreveu, no início do século 19, seu célebre *A democracia na América*.

Essas lembranças vêm a propósito da antecipação das eleições gerais na França. Foi a decisão de Emmanuel Macron para unir grupos contra a extrema direita, que aparecia nas pesquisas como favorita para vencer o pleito. Alcançou seu objetivo. A extrema-direita foi derrotada. Os norte-americanos replicaram o movimento francês. Joe Biden, o presidente cujo prestígio eleitoral estava em baixa, fez o grande gesto: anunciou sua retirada da corrida eleitoral para impedir a ascensão da extremidade direita e abrir caminho para novas ideias. O novo caminho tem nome: Kamala Harris.

A vice-presidente, de 59 anos, tem currículo brilhante. Com bacharelado em artes na Howard University, instituição de ensino destinada à educação de negros, situada em Washington DC, e direito na Faculdade Hastings, UCLA, é filha de migrantes, mãe nascida na Índia e pai jamaicano. Foi promotora de justiça na cidade de San Francisco, procuradora-geral da Califórnia, senadora por aquele estado e vice-presidente no governo Biden. Discreta, passou os últimos anos calada, com a preocupação de sempre ocupar o fundo da cena quando o presidente estava em primeiro plano. Esperou o seu momento. Ele chegou de repente. E, no espaço de poucos dias, ela conseguiu o feito de bater todos os recordes de arrecadação de fundos. Mais de 100 milhões de dólares.

A incrível reviravolta na eleição norte-americana aconteceu no espaço de uma semana, após o atentado contra o candidato Donald Trump e depois de ele ter sido entronizado como candidato oficial dos republicanos ao poder. A fatura parecia liquidada. Mas o inesperado fez uma falseta. Apareceu a novidade Kamala Harris, com seu sorriso aberto e o sopro de juventude numa eleição dividida entre dois velhos com ideias antigas. Ela representa o novo, por ser filha de migrantes. Nada mais surpreendente por ser completamente diferente da matriz original norte-americana, que é o modelo branco, protestante e anglo-saxão. Negra, casada com advogado bem-sucedido na profissão, adotou os filhos do primeiro casamento do marido.

Salvo o fato novo e o inesperado, a campanha vai correr nos trilhos até novembro, quando os norte-americanos forem às urnas. Os democratas que estavam fora do jogo voltaram à competição. Passaram a ter chances reais. Trump, contudo, não está derrotado. Ele é um pilantra, capaz das maiores vilanias, mas sabe lidar com a imprensa e se projetar de maneira a impressionar o eleitorado. Kamala Harris conhece as artes do debate. Já disse que, por sua experiência na área criminal, conhece tipos como Trump. Completou afirmando que 'nós queremos proibir armas, eles, livros'. Os norte-americanos votam por suas causas e ideias. O americano médio vota com pensamento no emprego, na inflação, na assistência médica e na poupança necessária para mandar o filho para universidade.

A expectativa na Europa é imensa por causa da guerra na Ucrânia. Ninguém entendeu até agora o brutal erro estratégico de Vladimir Putin ao invadir o país vizinho. Ele esperava vencer em algumas semanas. Já se passaram dois anos e os conflitos estão estacionados na fronteira. Analistas ingleses dizem que os russos estão com dificuldades de repor equipamento bélico e munições. Eles, segundo aquelas fontes, perderam mais de 4.500 tanques de guerra. O próximo passo deve ser algum tipo de armistício ou o aprofundamento do conflito. A força aérea norte-americana enviou dois B-52, bombardeiros capazes de lançar bombas atômicas, para uma base na Romênia, distante menos de 100 quilômetros do teatro da guerra.

No Brasil, os bolsonaristas estão em alerta. A eventual vitória de Trump significa melhores possibilidades para a extrema direita vencer a eleição no país. A campanha de Kamala Harris vai jogar a questão da idade para o candidato republicano. Trump, agora, é o velho que concorre contra o novo. Lula, se concorrer a um novo mandato, terá em 2026 a mesma idade que Biden tem hoje, 81 anos. O argumento do velho, senil e inapto para o cargo poderá ser utilizado contra ele, como o foi contra o saudoso Ulysses Guimarães, na eleição de 1989.

Contrastes no transporte público e o futuro da mobilidade urbana

» POLYANA RESENDE - Jornalista, especialista em gestão pública pela UnB e chefe da Assessoria de Comunicação do Tribunal de Contas do Distrito Federal

"Seu ônibus chegará em um minuto!". E, exatamente no tempo anunciado, o veículo estava à sua frente. Essa era a realidade cotidiana que vivi em 2013, quando morei em Londres. A precisão e a eficiência do sistema de transporte da cidade já eram impressionantes naquela época. Há mais de 10 anos, os londrinos podiam ver, em tempo real, onde estavam os ônibus e quanto tempo levariam para chegar, graças ao uso de GPS e outros mecanismos de geolocalização. A tecnologia de fácil acesso e baixo custo faz uma diferença colossal na vida dos usuários, permitindo um planejamento preciso das viagens e minimizando o tempo de espera.

Outro estímulo ao uso do transporte coletivo na capital inglesa é o uso do Oyster Card. Esse cartão inteligente pode ser utilizado em uma variedade de modos, incluindo ônibus, metrô, trens, bondes, barcos e até algumas bicicletas compartilhadas. Além de facilitar o pagamento, o sistema permite um monitoramento eficiente do fluxo de passageiros e uma gestão otimizada dos serviços, contribuindo para a redução de congestionamentos e melhorando significativamente a experiência do usuário.

O uso de sistemas avançados de geolocalização e de integração são pilares para a eficiência e a confiabilidade nos serviços de transporte público no Reino Unido. Os dados em tempo real fornecem não apenas informações precisas

aos usuários, mas também ajudam na gestão e na operação do sistema, otimizando rotas e reduzindo atrasos.

Ao comparar essa realidade com a do Brasil, a diferença é alarmante. Dados oficiais indicam uma grande deficiência na implementação de tecnologias similares no transporte público brasileiro. Em Brasília, por exemplo, desde 2009, os contratos de operação de serviços de transporte público já previam o rastreamento da frota via GPS e a disponibilização em tempo real de informações relativas a linhas, itinerários e dados gerenciais para uso no Centro de Supervisão Operacional do Transporte Urbano do Distrito Federal (DFTrans). No entanto, apesar de tais ajustes contratuais, que geram custos embutidos na tarifa cobrada pelas empresas, esses dados não chegam aos usuários finais.

Na capital do país, os passageiros enfrentam grandes dificuldades em relação ao acesso a informações sobre linhas e itinerários. Não há sequer placas informativas nos pontos de ônibus, forçando os usuários a buscarem ajuda informal de outros passageiros, recebendo informações, muitas vezes, imprecisas ou equivocadas. Isso torna o uso do transporte público, que ainda anda a passos lentos também na questão da qualidade dos veículos, uma experiência frustrante e ineficiente.

A falta de implementação eficaz de uma tecnologia tão acessível e simples no Brasil levanta

questões importantes. Por que não conseguimos seguir o exemplo de nações desenvolvidas, onde a integração e a transparência no transporte público são prioridades? A acessibilidade à informação em tempo real não só melhora a experiência do usuário, mas também reflete um compromisso com a eficiência e a inovação. Felizmente, esse cenário está na mira dos órgãos fiscalizadores. A questão da eficiência e da qualidade no transporte público será tema central do 1º Encontro Nacional de Controle Externo em Mobilidade Urbana, promovido pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF), entre 29 de julho e 1º de agosto, no Plenário da Corte. Esse evento é uma oportunidade crucial para debater soluções e implementar melhorias significativas no sistema de transporte público.

A importância do bom funcionamento das políticas públicas de mobilidade urbana é inquestionável. Um sistema de transporte eficiente, além de facilitar a vida dos cidadãos, é um indicador de desenvolvimento e progresso. Como a famosa frase do Gato no livro *Alice no país das maravilhas* nos lembra: "Se você não sabe para onde quer ir, qualquer caminho serve." A adoção de tecnologias modernas e a fiscalização das políticas públicas de mobilidade urbana são essenciais para garantir um futuro em que todos possamos saber não só para onde estamos indo, mas como e quando chegaremos lá.